Open in app ↗ Sign up Sign In

A importância do som

Giovana Spiller · Follow
4 min read · Jun 5

Share

Na imagem, quatro livros estão em posição vertical e com as lombadas aparentes. O primeiro livro tem capa amarela, o segundo livro tem capa cinza claro, o terceiro livro tem capa marrom e o quarto livro tem capa azul. Um fone de ouvido supra-auricular branco prende esses livros entre as almofadas. Foto: Sound On/Pexels

Cores e imagens são estímulos constantes e importantes e nossa vida, e elas têm um grande impacto em nossas experiências, mas e quanto a o que você ouve?

Nos rituais, no teatro, nas missas, na ópera, no cinema, o ritmo e o som sempre foram uma parte importante do que fazemos. Nem mesmo na Era Muda do cinema, quando a falta de tecnologia era um impeditivo para a captação de áudio junto da imagem, a música e os efeitos sonoros foram descartados. Essa lacuna era substituída pela execução ao vivo de trilhas e alguns efeitos sonoros, e a partir do final da década de 1920, foi só uma questão de tempo para desenvolvermos tecnologias incríveis para captação e reprodução de áudio.

Hoje, muitas vezes, o som está tão intrínseco na nossa experiência que até esquecemos do trabalho e dos motivos que existem por trás daquela trilha sonora incrível ou daqueles sons que fazem uma cena tão real ou tão fictícia. Esquecemos que o som é um grande responsável por despertar emoções e sentimentos.

O som é um estímulo físico, as ondas sonoras fazem vibrar o ar que está dentro do canal auditivo e essa vibração é transmitida ao tímpano, a pequenos ossos, ao líquido coclear, a membranas, a células sensoriais ... O som "encosta" na gente para então se transformar em impulso nervoso e ser reconhecido pelo cérebro.

A capacidade auditiva do ser humano permitiu que desenvolvêssemos uma habilidade que nem todos os animais possuem: o de percepção de ritmo. Acredita-se que essa habilidade foi desenvolvida em nossa espécie como um subproduto da linguagem. No entanto, também sabemos que temos contato com o som ritmado desde muito muito cedo, com as batidas do coração da nossa mãe quando ainda estamos no útero.

O ritmo nos acompanha após o nascimento: com as cantigas de ninar; os nossos primeiros passos, que provocam um ritmo de marcha inicial; a reprodução da fala e as cantigas infantis (quem nunca mandou um "enganei o bobo na casca do ovo" ou "bota a mão a-qui, que já vai fe-char"?); e todas as músicas que marcam tantos momentos.

Com isso, o ritmo está ligado ao nosso desenvolvimento, especialmente o motor — e, como já disse Piaget, "o ato motor leva ao ato mental" -, além ser uma boa "âncora" para a memória e despertar emoções.

Sabe aquela música que faz você se emocionar e arrepiar?

Existe um motivo bem interessante para ela fazer isso com você: é o viés de confirmação, isto é, a constante tentativa do nosso cérebro de reduzir o mundo ao

que a gente já conhece e, portanto, conseguimos prever. Isso faz com que gostemos muito de quando uma previsão se realiza, quando algo que esperávamos realmente acontece. Dá aquela sensação de satisfação, e, adivinha? Com ela, vem o arrepio.

A memória tem grande parte da "culpa" aí, pois, nesse caso, é ela quem provoca a nossa tentativa de prever o que vai acontecer em uma música, um filme ou uma peça de teatro. Por isso, em geral, as músicas que nos dão emoções e arrepios têm estrutura parecida com a de outras, que a gente já conhece, e se ela se encaixar no seu momento de vida ou na sua história, uma reação física provavelmente será inevitável.

Quando a pessoa ouve uma música muito familiar para ela, o ritmo cardíaco e a temperatura corporal aumentam, a pupila dilata, algumas áreas no cerebelo relacionadas com o movimento são ativadas, assim como os canais relacionados com a dopamina que ficam na mesma área do cérebro relacionada com vício em drogas. Mas, lembre-se, tudo isso partiu da expectativa por encontrar algo que já conhecemos.

Percebe como isso tem a ver com as nossas experiências, com o que conhecemos do mundo e a nossa memória?

Algo que nos acompanha e toca com tanta intimidade também pode (e deve) ser pensado para a aprendizagem.

Uma curiosidade interessante do som, por exemplo, é a sua capacidade de aumentar a retenção. Ela é bastante limitada, é verdade, mas existe. Há estudos que indicam que ouvir palavras acompanhadas de um som simples e depois ouvir esse som durante o sono pode aumentar cerca de 10% a memorização dessas palavras. Não é aprender dormindo, mas pode ser um exercício para retenção de vocabulário, por exemplo.

Informações como as que você leu até aqui são conhecidas e bastante utilizadas pela publicidade e o marketing na composição de jingles e peças publicitárias. Por que, então, parecemos não aproveitar esse potencial na Educação?

Na parte técnica, as produções de vídeos educacionais não se diferenciam tanto da criação de outros vídeos. Os elementos são os mesmos, a questão é como utilizá-los para potencializar o aprendizado. Para isso, precisamos entender como nosso cérebro funciona e conhecer o que já existe nas produções audiovisuais em geral.

Basicamente, temos áudio em duas instâncias sem contar com a fala: trilha sonora e efeitos sonoros.

- **Trilha sonora:** É responsável por provocar ou potencializar determinada emoção, por garantir a concentração e, no caso dos jogos, também por estimular a capacidade decisória.
- **Efeitos sonoros:** São responsáveis por permitir que o espectador reconheça ambientes e elementos, que podem se assemelhar aos reais ou não; identifique padrões, se necessário; e por retomar ou direcionar a atenção do espectador (essa é função, especialmente, das vírgulas sonoras). Portanto, efeitos sonoros podem ou não ser elementos da narrativa.

É responsável por provocar ou potencializar determinada emoção, por garantir a concentração e, no caso dos jogos, também por estimular a capacidade decisória.

Como você pode ver, a questão, aqui, vai além de um som "dar graça" a uma imagem, mas **para aproveitar as capacidades do som e da música, é preciso entendê-los como elementos capazes de estimular a imaginação, a emoção e a memória**. Sem esquecer, é claro, que o áudio também pode ser um elemento de acessibilidade — alô, audiodescrição! — que garante um direito a quem tem deficiências visuais.

Som | Educação | Design Instrucional | Áudio | Acessibilidade

Follow

Written by Giovana Spiller

1 Follower